<https://doi.org/10.4322/978-65-86819-10-6.a09>

Processos socioespaciais e imigrações: italianos, galegos e outros grupos nos séculos XIX e XX em Salvador, Bahia

Daniel de Albuquerque Ribeiro^a

^a Bolsista PNPd/CAPES no programa de Pós Graduação em Geografia da UFF/Campos da Universidade Federal Fluminense. E-mail: danalrib@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os estudos brasileiros sobre as imigrações ocorridas no final do século XIX e início do XX costumam ter um maior enfoque nos fluxos que se dirigiram às regiões Sudeste e Sul. É compreensível que, em muitos casos, por voltarem sua atenção para essas regiões, os pesquisadores de determinado grupo desconheçam a existência de fluxos migratórios anteriores que se dirigiram a outras regiões e estados do país. Visando contribuir com a ampliação do debate a respeito da imigração no Brasil, este texto apontará estudos realizados sobre dois grupos europeus que formaram colônias em Salvador, Bahia.

Existem registros de colônias italianas na capital baiana desde o período colonial, e, no contexto da substituição de mão de obra escrava, foram trazidos imigrantes italianos para a Bahia em 1840, antecedendo, assim, os registros que apontam os fluxos para São Paulo como sendo os primeiros do Brasil.

O segundo grupo trabalhado neste texto, o dos galegos, formou em Salvador a maior colônia espanhola do país já no século XX, chegando ao número de 50 mil imigrantes na cidade. A força da colônia galega foi expressiva, a ponto de fundar um time de futebol (Galícia Esporte Clube), que ganhou títulos estaduais e cuja torcida rivalizava com a dos outros dois principais times do estado (Esporte Clube Bahia e Esporte Clube Vitória).

Outros grupos também estabeleceram colônias na capital baiana, a exemplo dos portugueses, alemães e ingleses. Além desses, um grupo com grande expressividade foi

o dos sírio-libaneses, cujos descendentes podem ser encontrados com certa facilidade no centro original soteropolitano e sua primeira periferia. A citação desses grupos serve para pontuar a diversificação dos fluxos migratórios ocorridos entre os séculos XIX e XX, contudo, neste texto, o enfoque será dado aos italianos e galegos, o que não impede a referência às migrações euroasiáticas em Salvador quando necessário.

Este estudo é fundamentado em um levantamento de dados populacionais realizados em uma área da cidade de Salvador intitulada Eixo Pelourinho-Santo Antônio (EPS) (Figura 1). O EPS é uma conceituação desenvolvida por Ribeiro (2018) para explicar a relação entre alguns bairros da cidade de Salvador situados no centro original e parte da primeira periferia da cidade. Nesse se observam as conexões do próprio EPS com as diferentes escalas, locais, regionais, nacionais e mundiais.

O levantamento dos dados populacionais ocorreu em três diferentes momentos da pesquisa, sendo que os dois primeiros de caráter quantitativo foram realizados em 2007 e 2011, enquanto o terceiro de caráter qualitativo se efetuou entre 2014 e 2018. Durante esse período, houve o processo de amadurecimento da pesquisa, e, com isso, ocorreram ajustes metodológicos, ao mesmo tempo que, paralelamente às análises dos dados, outras formas de estudo se efetivaram, entre as quais se destacam a observação em campo e o aprofundamento histórico por meio da revisão bibliográfica. A combinação desses elementos permitiu ampliar a compreensão das informações obtidas nas entrevistas e, assim, chegar aos resultados debatidos neste texto.

Em 2007 e 2011, o objetivo do levantamento era compreender o perfil da população para um estudo sobre gentrificação, no entanto, além da constatação da existência do processo, ocorreram outras descobertas. Das edificações pesquisadas, 1.175¹ foram identificadas como sendo habitadas, então se realizou entrevista em 344 unidades habitacionais, das quais se constatou que 272² pertenciam a migrantes/imigrantes, o que equivale a aproximadamente 80% do total de entrevistados. No entanto, as entrevistas de aprofundamento revelaram que, dos 20% de moradores que nasceram nos bairros do EPS, uma parcela³ era composta de filhos ou netos de imigrantes. E foi essa informação que levou a pesquisa à percepção de que o EPS não somente no presente, mas também no passado, consistiu em um polo receptor de imigrantes, dos quais se destacaram a presença de quatro principais grupos: os italianos, os galegos, os sírio-libaneses e os portugueses.

Partindo dessas considerações iniciais, aponta-se a seguir a presença, hoje esquecida, de descendentes de grupos de imigrantes que tiveram importantes contribuições para a cidade de Salvador. Essa redescoberta oferece possibilidades de uma revalorização geográfico-histórica que resgate uma parcela da memória das migrações na capital baiana, presente na própria população que habita o EPS.

A pesquisa teve como uma de suas bases conceituais a teoria das migrações internacionais (MASSEY et al., 1993), e isso permitiu compreender os fluxos migratórios e, combinada com a perspectiva da Geografia Histórica, a realidade soteropolitana no final do século XIX

¹ Este número equivale a aproximadamente 47% do total de 2.481 unidades cartografadas na área de pesquisa, que teve por referência a Poligonal do Parque Histórico do Pelourinho (BAHIA, 1987). Desse número, cerca de 21% das edificações pertenciam a instituições ou em estado de ruína e cerca de 13% se encontravam à venda.

² Ressalta-se que esse número se torna maior quando multiplicado pelo número de moradores em cada unidade entrevistada.

³ No momento do levantamento dos dados, não se sabia que parte dos moradores do EPS era descendente de imigrantes, por isso essa parcela não pode ser mensurada quantitativamente, uma vez que o caminho para descoberta se deu por meio das entrevistas de aprofundamento, as quais apontaram a existência desses grupos de imigrantes no passado.

Figura 1 – Tempo de residência no lugar dos moradores do EPS entrevistados em 2011 (RIBEIRO, 2011).

Fonte: elaborada pelo autor a partir de base cartográfica: SICAR RMS 92, Sistema de Coord. SAD 1969, Projeção UTM, 24S.

e início do XX, o que, por consequência, contribuiu para o entendimento do mosaico populacional da área estudada.

Assim, esta análise, traçada sobre as imigrações dos italianos e galegos em Salvador, é parte de um estudo maior que considerou outros grupos populacionais do passado⁴ e do presente⁵. Ela também é parte de um estudo que se debruçou sobre outras temporalidades, considerando processos socioespaciais urbanos que não serão tratados neste texto, a exemplo da invasão/sucessão e da gentrificação. O enfoque então é dado aos italianos e galegos e, assim, à relação de suas chegadas coincidentes com a centralização ocorrida no final do século XIX e início do século XX e as suas dispersões posteriores.

Vale ressaltar outra premissa lógica traduzida nas palavras de Sayad (1998): de que todo imigrante é também um emigrante. Seguindo esse raciocínio, considera-se que o imigrante que contribui para a existência de um processo socioespacial no lugar em que chega é o mesmo que compõe um processo socioespacial no lugar de onde vem (quando o local de origem faz parte de um fluxo). A relação entre processos socioespaciais e migrações destrincha, assim, o mínimo de três processos concomitantes: migração (como o fluxo em si), emigração (percebido no local de origem como uma dispersão) e imigração (que impacta o local de chegada de diferentes formas). Por fim, a migração pode ter sua origem forjada em conjunturas impulsionadas por outros processos, a exemplo da mundialização.

1.1 Processos socioespaciais

No decorrer da pesquisa, observou-se como processos de escala mundial influenciaram a formação de fluxos migratórios que se direcionaram à cidade de Salvador, além da contribuição desses imigrantes para os processos que ocorreram nesse local. Sendo assim, ainda que a análise não se limite a essas duas escalas, ela enfatiza os processos de abrangência internacional e urbanos⁶.

Entre as movimentações geopolíticas internacionais e os territórios que por elas foram atingidos, destaca-se a perspectiva das transformações técnicas como um elemento que possibilitou os fluxos transoceânicos, sendo, assim, um momento anterior à fase da mundialização no seu estágio atual, mas que nem por isso deixou de ser o próprio processo citado.

Autores como Santos (2003) e Harvey (2005) tecem profundas críticas ao processo da mundialização, considerando-a, de acordo com Santos (2003, p. 21), “o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”. Já Harvey (2005) a analisa como um instrumento de expansão do novo imperialismo por meio do qual ocorrem as espoliações dos territórios. Ao mesmo tempo, enquanto Santos (2003) considera a emergência do chamado período popular, Harvey (2005) observa os movimentos de resistência e a construção das utopias como alternativas às imposições do sistema.

Os fluxos migratórios podem ser interpretados no contexto da expansão capitalista como um produto das desigualdades socioespaciais, mas, quando observados em longo prazo,

⁴ Portugueses, sírio-libaneses e migrantes de outros estados brasileiros.

⁵ Imigrantes oriundos de diversas partes do mundo.

⁶ As correntes teóricas macroestruturalistas sobre as imigrações contribuem para a análise em escalas mundiais, a exemplo dos estudos de Singer (1976) e Trewartha (1976). Esta análise fica incompleta se não vier combinada com outras que observam o fenômeno da migração na escala do lugar, como os estudos realizados pela escola de Chicago, a exemplo de Thomas e Znaniecki, em 1918 (THOMAS; ZNANIECKI, 1992), motivo pelo qual a teoria dos sistemas migratórios de Massey et al. (1993) é importante para este estudo.

revelam-se como uma força ativa que, em muitos casos, subverte estruturas das sociedades dominantes, gerando impactos que são traduzidos pelos processos socioespaciais.

Segundo Vasconcelos (2013, p.18), “Os processos e formas socioespaciais são originários das mudanças atuais sobrepostas às inércias do passado”. Corrêa (2005, p. 37) buscou compreender os processos sociais nas cidades capitalistas, explicando que se trata de: “[...] uma expressão empregada por geógrafos para tentar dar conta do que ocorre no espaço ao longo do tempo”. Para ele, cada processo resultará em uma forma espacial, a saber: a área central é produto da centralização; os núcleos secundários são decorrentes da descentralização; as áreas especializadas são geradas pela coesão; as áreas sociais são produto da segregação; e as áreas cristalizadas são resultantes da inércia.

Vasconcelos (2013) aponta a diferença entre processos que se assemelham quanto à forma, mas não são decorrentes da mesma causa. Assim, classifica os processos em: noções ligadas aos espaços; noções relativas aos indivíduos; e noções relacionadas aos indivíduos e aos espaços. Um dos conceitos trabalhados por Vasconcelos (2013, p. 20) e utilizados neste texto é o de dispersão, que “corresponde a uma fuga dos centros das cidades muito valorizados”. Assim, a dispersão gera novos núcleos urbanos, com centros de trabalho e residenciais em locais periféricos.

Considerando publicações individuais sobre um processo específico, há variados estudos, a exemplo dos relativos à segregaçãoⁱ e à *gentrificação*ⁱⁱ. Dessa forma, para cada processo socioespacial, haverá uma gama de estudos.

Com base nos grupos escolhidos (italianos e galegos) e na temporalidade destacada, que vai do século XIX até metade do século XX, dois processos socioespaciais urbanos serão analisados em conjunto com as imigrações: a centralização e a dispersão. Ressalta-se que esses processos ocorreram com o somatório de outros eventos e com a contribuição de outros grupos populacionais, migrantes brasileiros, além de variados agentes socioespaciais, como o Estado, a Igreja, os promotores imobiliários etc. Logo, os imigrantes não produziram de forma exclusiva os processos em questão, mas participaram deles.

A partir dos registros da presença de imigrantes desde a fundação da cidade, pode-se afirmar que a contribuição, ainda que pontual deles em períodos anteriores ao século XIX, sempre existiu. Contudo, é a partir do século XIX que se intensificaram os fluxos das imigrações para todo o país, fato que está diretamente relacionado com a substituição do trabalho escravo nas terras brasileiras, o que será aprofundado na terceira seção.

1.1.1 As fases dos processos socioespaciais e as imigrações no EPS

As imigrações euroasiáticas em Salvador podem ser divididas em quatro fases referentes aos processos socioespaciais urbanos da cidade: a primeira é relativa aos processos de dispersão/centralização e invasão/sucessão, ocorridos no EPS; a segunda fase é a de dispersão dos imigrantes pelo município e pelo estado; a terceira fase corresponde à migração de retorno de alguns grupos e permanência de outros; a quarta fase se refere ao momento atual, no qual se encontram na área estudada os descendentes desses imigrantes (Figura 2).

A primeira fase, caracterizada pela dispersão da elite soteropolitana, é acompanhada pela centralização fundamentada na implantação de novos equipamentos públicos no centro e na busca por seu embelezamento, coincidindo com a chegada dos imigrantes e com a gradativa desvalorização do local, decorrentes do processo de invasão/sucessão.

A segunda fase é a consequência da acentuação do processo de invasão/sucessão no centro e da ascensão econômica de parte dos imigrantes, que encontraram na dispersão

Figura 2 – Relação dos processos socioespaciais com os fluxos migratórios.
Fonte: Ribeiro (2018).

pela cidade a melhor estratégia de ocupação territorial. Assim, aqueles que ascenderam economicamente seguiram o movimento da elite soteropolitana de dispersão para o sul de Salvador.

A terceira fase implica um movimento inverso ao da primeira, pois, além de se ampliar a dispersão pela cidade e para fora dela, há um fluxo de retorno de alguns grupos para os países de origem. Muitos dos que retornaram constituíam a segunda e até terceira geração desses imigrantes. Na maioria das entrevistas realizadas, percebe-se que já a segunda geração perdeu o contato com os laços ancestrais, havendo situações em que, inicialmente, os entrevistados não lembravam que tinham avós oriundos de outros países.

A partir de 1985, a tônica no EPS se configurou em torno das requalificações do centro original, o que desencadeou o processo de gentrificação e, com ele, a substituição populacional. Assim, mesclados com os novos moradores que vieram com as ondas de gentrificação, encontram-se os habitantes da população local, composta, em sua maioria, por filhos e netos de migrantes e imigrantes.

Por fim, na quarta fase, não há uma ação direta dos imigrantes, exceto pelo fato da permanência de seus descendentes, resistindo aos processos decorrentes da especulação imobiliária, principalmente a gentrificação.

2. ANTECEDENTES DOS FLUXOS EMIGRATÓRIOS

São muitos os fatores que somados explicam a formação dos fluxos migratórios dos italianos, galegos, sírio-libaneses e portugueses para o EPS. Contudo, a teoria pioneira de Ravenstein (1885), contemporânea a esses movimentos populacionais, contribui

para a compreensão dessas correntes de imigração. De um lado, a instabilidade política e/ou econômica pela qual passavam os territórios habitados pelos grupos em questão, funcionando como áreas de repulsão populacional; do outro lado, o Brasil com políticas para atração de colonos brancos como medida para substituição da mão de obra escrava e branqueamento populacional.

Assim, esta seção pretende traçar um breve panorama sobre o mundo e a cidade de Salvador, para então pontuar a chegada dos primeiros grupos de imigrantes, tendo por base os levantamentos de informação no referencial bibliográfico existente.

2.1. Transformações técnicas e políticas no mundo

Alguns aspectos macroestruturais fizeram do mundo no século XIX genuinamente global, como afirma Hobsbawm (1987). O processo de conexão entre os continentes estava mais consolidado, tanto na transmissão de informações como no transporte de produtos e de pessoas. O progresso das técnicas permitiu essa circulação e comunicação cada vez maior e de forma mais rápida. Ravenstein (1885, 1889) apontou a existência de fluxos que ocorriam de zonas de repulsão para outras de atração.

Esse progresso técnico permitiu que mais pessoas fossem informadas da existência de áreas promissoras em localidades longínquas e possibilitou os deslocamentos em tempos reduzidos. Desse modo, Castles e Miller (2009) se referem ao século XX como sendo a era das migrações, mas é possível afirmar que ela foi germinada no século XIX.

Hobsbawm (1987) informa que, com exceção da maior parte do território da África, da Ásia continental e partes do interior da América do Sul, “A ferrovia e a navegação a vapor haviam reduzido as viagens intercontinentais ou transcontinentais a uma questão de semanas, em vez de meses”. A respeito da comunicação, ele explica que: “Com o telégrafo elétrico, a transmissão de informação ao redor do mundo era agora uma questão de horas”. Então conclui que, como decorrência dos progressos na comunicação e transportes: “homens e mulheres do mundo ocidental – mas não só eles – viajaram e se comunicaram através de grandes distâncias com facilidade e em número sem precedentes” (HOBSBAWM, 1987, p. 9).

A integração territorial proporcionada pelos avanços técnicos dos sistemas de comunicação e transportes ainda não havia se disseminado integralmente no território brasileiro, mas, nas capitais das províncias, a comunicação com os outros continentes pelos fluxos transoceânicos já era uma realidade que se intensificava a partir dos progressos técnicos, modificando, inclusive, as relações territoriais no próprio Império. Assim, os fatores técnicos facilitaram o deslocamento e o acesso às informações, combinando-se à instabilidade política vivida em distintas partes do mundo. Fugindo das dificuldades em seus territórios, muitos emigrantes encontraram esperança de ascensão econômica e social na América.

2.2 O fim da escravidão e a importação de colonos

Analisando a geografia política mundial, observa-se que, após os eventos que envolveram o bloqueio continental napoleônico, as pressões internacionais, principalmente da Inglaterra, para o fim da escravidão cresciam. Isso afetava diretamente a economia agrária brasileira, que tinha no escravizado o seu “produto” mais caro. A escravidão já havia sido abolida na Europa e “no restante do mundo dominado pelo Ocidente vivia seus derradeiros anos

até em seus últimos bastiões - Brasil e Cuba - onde não sobreviveu além dos anos 1880” (HOBSBAWM, 1987, p. 21).

Essa pressão internacional encontrou eco na estrutura social brasileira, inclusive com o imperador D. Pedro II, que, ao observar as consequências do término abrupto do sistema escravagista nos Estados Unidos, tinha por planos a transição gradual no país. Ao mesmo tempo, o Estado buscou a substituição da mão de obra escrava com a importação dos colonos brancos. Britto (2004) relata a visita de Dom Pedro II a países como o Líbano no intuito de atrair colonos para o Brasil.

Em conjunto com incentivos e leis decretadas pelo imperador, que visavam findar a escravidão, as elites econômicas de algumas províncias brasileiras se antecipavam ao processo de substituição da mão de obra escrava e buscaram nos colonos estrangeiros a viabilidade para tal.

O projeto de extinguir a escravidão era acompanhado com o da substituição da mão de obra escrava pela de colonos europeus e asiáticos, pois, segundo alguns autores, como Azevedo (1989) e Andrade (1992), a ideia das elites na época era a de que os colonos trariam civilidade para os rincões mais atrasados do país. Esse processo, combinado com o golpe que culminou na República, deixou os recém-libertos sem assistência, o que gerou uma estrutura social problemática e complexa em que os estrangeiros tiveram que se inserir.

Nesse contexto, a Bahia é apontada por Thales de Azevedo como a primeira província brasileira a trazer imigrantes europeus, no caso, os italianos, “quarenta anos antes de outras e antes da crise agrária que ocasionou a substituição do escravo em São Paulo, no Rio Grande do Sul e alhures” (AZEVEDO, 1989, p. 43). Segundo o autor, já se constatava que havia um melhor rendimento na agricultura pelo emprego da mão de obra não escrava.

Na Bahia, o estado foi um importante agente no sentido de fazer a propaganda e de organizar a vinda de colonos europeus, tendo feito isso em três momentos, sendo que o primeiro se deu com a criação da Companhia de Colonização, cuja finalidade era: “importar colonos europeus de Portugal, Espanha, Itália, Suíça, Alemanha e França, que seriam encaminhados a empregadores que deles necessitassem e para áreas onde aqueles que dispusessem de recursos se estabelecessem como fazendeiros” (ANDRADE, 1992, p. 69).

Se, por um lado, as questões de instabilidade política e/ou econômica nos territórios de onde vieram os imigrantes oferecem importantes elementos para a compreensão de parte dos motivos que proporcionaram a repulsão populacional para o Brasil, por outro as ações governamentais do imperador Dom Pedro II, combinadas com as da província da Bahia, apontam as forças que se movimentaram para fazer deste país e, no caso específico, de Salvador áreas de atração.

Assim, as questões macroestruturais que contribuíram para criar o ambiente propício à vinda dos imigrantes para Salvador são fundamentadas nos progressos técnicos e nas mudanças na estrutura social nacional, pautadas nas transformações geopolíticas internacionais. Cabe agora a análise do contexto soteropolitano.

2.3 A Salvador do século XIX

No século XIX, Salvador perdeu gradualmente o posto de principal cidade das Américas, passando a assumir um papel secundário nas relações internacionais brasileiras. Vasconcelos (2002), em seu estudo sobre a capital baiana, avalia o processo de perda de importância política e econômica da cidade, dividindo o século XIX em dois períodos, mas ressalva

que o desprestígio da cidade começou em 1763, com a transferência da capital para o Rio de Janeiro, quando ela deixou de ser o maior porto exportador do Brasil, passando “para o segundo lugar na exportação (27%), e na importação (26%)” (VASCONCELOS, 2002, p. 126). Então, a economia se deslocou para a região Sudeste, e esse processo se agravou com a produção do café de 1820 e 1830.

A Guerra da Independência da Bahia, culminada em 2 de julho de 1823, teve por consequência a emigração da comunidade portuguesa e de importantes comerciantes, que retiraram seus capitais, gerando uma crise econômica para a capital baiana. Na primeira metade do século XIX, motins e revoltas ocorridas a colocaram em posição antagônica ao regime imperial. Entre 1860 e 1887, sua economia entrou em depressão, como reflexo da crise internacional.

A cidade sofreu abalos por conta de mudanças estruturais em escala mundial. Primeiro com a construção do canal de Suez em 1869, reduzindo a quantidade de navios que passavam no porto soteropolitano. Antes disso, em 1858, a implantação das linhas inglesas de navegação a vapor para o Brasil quebrou a dependência das correntes marítimas e, assim: “Salvador começa a perder sua importância marítima para outros portos, como o de Recife, mais próximo da Europa” (VASCONCELOS, 2002, p. 126).

Ainda, duas guerras afetaram diretamente a Bahia: a de Secessão, nos Estados Unidos, que desencadeou a expansão da cultura do fumo no Recôncavo, e a do Paraguai, para onde foram 18.725 homens da província. Um último evento de impacto econômico foi a crise financeira internacional de 1873/1890, que desencadeou a redução da importação dos produtos baianos.

2.3.1 Mudanças estruturais em Salvador

No século XIX, Salvador também passou por mudanças estruturais que criaram lacunas espaciais para os grupos imigratórios que se estabeleceram na cidade posteriormente. Nesse período, o centro perdeu gradativamente a importância, na medida em que os seus principais grupos sociais e econômicos foram para outras localidades.

Áreas de maior prestígio foram surgindo na periferia, a exemplo da Freguesia da Vitória, ao sul da cidade. Após 1808, com a abertura dos portos brasileiros, cresceu a influência dos comerciantes ingleses em Salvador, que encabeçaram a valorização dos jardins, pomares, espaços limpos e ventilados. “Movendo-se em direção ao sul, à Barra, os ingleses foram pioneiros em fazer do Campo Grande e da Vitória morada dos mais ricos, uma tendência descrita por Maria Graham e que persiste até hoje” (PALÁCIOS, 2009, p. 39).

A estrutura espacial soteropolitana foi se modificando. Ao perder parte de sua população, ocorreu a criação de novos quadros no centro, tal como Milton Santos pôde constatar em sua tese de 1958 (SANTOS, 2008). Esse êxodo, iniciado após uma epidemia de cólera, levou a população mais rica a buscar localidades com melhor salubridade, como informa Teixeira (1978).

Ao mesmo tempo, a cidade recebia um fluxo migratório, o qual, como Santos (2008) explica, era o excedente das pessoas de todo o Nordeste, expulsas pela seca. O autor aponta que o impacto dessas correntes migratórias foi atenuado, principalmente, nas quatro primeiras décadas do século XX, quando a zona cacaueteira na Bahia substituiu a capital do estado no papel de receptáculo da população nordestina excedentária.

Os processos relacionados a Salvador, que criaram as bases para o estabelecimento dos imigrantes no EPS a partir de final do século XIX, podem ser sintetizados em seis pontos: 1º) a saída populacional do centro; 2º) o fim da legalização da escravidão; 3º) o incentivo do estado à vinda de colonos estrangeiros; 4º) as relações anteriores entre Salvador e os territórios de origem dos migrantes; 5º) as transformações técnicas que permitiram maiores fluxos populacionais e de informação no mundo; 6º) a saída dos portugueses após a Guerra da Independência, deixando lacuna no comércio.

3. IMIGRAÇÕES E PROCESSOS SOCIOESPACIAIS

O impacto das imigrações no EPS ocorreu qualitativa e quantitativamente. Como contribuição qualitativa, entende-se que a imigração tenha se somado material e imaterialmente ao espaço em questão, sendo, assim, presente na paisagem e cultura soteropolitana, mais especificamente no EPS. Já a expressão quantitativa implica um número de imigrantes significativo a ponto de marcar sua presença na sociedade local. A maior presença no EPS dos imigrantes italianos, galegos, sírio-libaneses e portugueses não exclui a ocorrência de outros fluxos migratórios na cidade⁷.

Ao mesmo tempo, destaca-se a existência de grupos que, quantitativamente, não foram expressivos. Os estudos de Vasconcelos (2002) e Nascimento (1985), por exemplo, trazem citações de franceses, africanos (livres), alemães, suíços, dentre outras nacionalidades; contudo, trata-se de presenças pontuais. Apenas como um dos variados exemplos encontrados, pode-se citar a passagem em que Nascimento (1985, p. 70) comenta a respeito da Freguesia da Sé (uma das freguesias que compõem o EPS), onde o quarteirão número 20, apesar de apresentar diversas categorias sociais, sobrepujava o comércio elitista, do qual: “As casas comerciais se sucediam, às vezes vizinhas, às vezes espaçadas, gerenciadas a maior parte delas por estrangeiros”.

Ainda é válido mencionar que, no contexto escravocrata, os grupos de africanos escravizados e seus descendentes compunham a maior parcela da população de toda a cidade de Salvador. Salienta-se que grande parte de seus descendentes foi marginalizada e excluída do acesso a terra e a outros direitos sociais, ao mesmo tempo que no país se criavam as políticas de importação dos colonos brancos.

3.1 Dispersão: portugueses e ingleses

Como já mencionado, o primeiro movimento de dispersão do EPS ocorreu com a saída dos ricos comerciantes ingleses e portugueses seguidos pela população mais abastada da cidade. Outro fator que se somou a isso foi a expulsão dos ricos comerciantes portugueses, após a Guerra de Independência da Bahia. Com esses dois movimentos de dispersão, havia lacunas habitacionais que, posteriormente, seriam preenchidas pelas famílias de imigrantes em ascensão comercial.

Ressalta-se que, com a crescente pressão pelo fim da escravidão, já se iniciavam no século XIX as políticas de importação de colonos. É nesse contexto que será observada a chegada dos italianos e galegos.

⁷ Com a abertura dos portos brasileiros, os ingleses, por exemplo, tiveram a sua presença na parte nobre da cidade, conhecida como Corredor da Vitória, havendo nas suas proximidades, inclusive, um Cemitério dos Ingleses. Outro grupo identificado foi o dos japoneses (MAEKAWA, 2002), mas eles, de fato, formaram colônias agrícolas no interior do estado. Contudo, nas entrevistas e pesquisa documental, encontramos relatos pontuais de japoneses habitando o EPS.

3.2 Imigração italiana, centralização e dispersão

Como já afirmado, a Bahia foi a primeira província brasileira a trazer imigrantes italianos, visando à substituição da mão de obra escrava, 40 anos antes de outras. Assim como as províncias que a sucederam, o destino desses colonos seria o das áreas rurais, conforme afirma Azevedo (1989).

No entanto, é importante ressaltar que, assim como galegos e portugueses, a presença dos italianos em Salvador antecedeu o momento histórico da importação de mão de obra europeia. Ainda, Thales de Azevedo (1989, p. 29) menciona que, em 1820, já existia uma pequena colônia italiana na cidade de Salvador, “formada em grande parte por mercadores genoveses, justamente da região com a qual se fazia o referido tráfego marítimo”. Segundo o autor, a formação dessa colônia poderia estar relacionada com as lutas pela libertação da Bahia⁸ no século XVII, “das quais havia participado um corpo do exército napolitano” (AZEVEDO, 1989, p. 29).

Benedini (2013, p. 1) informa que “em 1850, o consulado da monarquia piemontesa estimava em cerca de 150 o número de súditos” que residiam em Salvador, em suas pesquisas nos arquivos públicos da cidade o autor identificou que a partir de 1850 ocorreu o aumento de registros desses imigrantes pela polícia portuária. Apesar do ponto de chegada ser em Salvador e de muitos dos imigrantes italianos se instalarem na capital baiana, uma parte considerável desses imigrantes se dirigiam para o interior. Trento (1988) estima que a colônia italiana era a mais numerosa do estado no final do século XIX, estando na faixa de 3000 colonos.

Andrade (1992) explica que os primeiros imigrantes italianos chegaram no início do século XIX e formaram uma corrente migratória. Grande parte desses imigrantes se transferiu para o interior, “embora a maioria ficasse em Salvador” (idem, p. 68). Entre os seus destinos, o autor menciona Belmonte, “que chegou a ter até, 1896, um agente consular” (ibidem). Também relaciona o sul da Bahia com a cultura cacaueteira, que “nos fins do século XIX e início do XX viveu um período de grande produção e acumulação de riqueza, tendo atraído estrangeiros de diversas nacionalidades” (ibidem). Existem ainda cidades no sul baiano cuja população é, em sua maioria, composta por descendentes de italianos, a exemplo de Jaguaquara e Jequié.

Outro elemento da imigração italiana em Salvador termina por se repetir com os demais grupos estudados e diz respeito aos ofícios, com destaque para os relativos ao comércio. Assim, além das prestações de serviços realizados na capital baiana, uma parte dos comerciantes italianos ia periodicamente ao interior, trabalhando como mascates, mas também levando e trazendo informações de um ponto ao outro.

Segundo Azevedo (1989, p. 34), no EPS a avenida conhecida como Baixa dos Sapateiros era famosa pela “expressiva existência de lojas de italianos”, das quais se destacavam os negócios de sapataria, fazendas, miudezas e oficinas mecânicas. Ainda, Azevedo (1989, p. 40) menciona a existência de outros ofícios, como os de “artesãos, operários, lavradores, mestres de obra, arquitetos, músicos, industriais, comerciantes, pintores, missionários”, e conclui afirmando que “a presença italiana na Bahia têm sido marcada igualmente por pensadores e intelectuais de valor até agora pouco notados”.

⁸ No dia 9 de maio de 1624, Salvador foi invadida pelos holandeses, sendo libertada por tropas lusitanas no dia 27 de maio de 1625.

Nesse aspecto, ressalta-se que alguns italianos no estado chegaram a um certo grau de influência, que um de seus descendentes, Antônio Lomanto Junior (nascido em Jequié), tornou-se governador da Bahia. Também é possível destacar a presença italiana em outra instituição detentora de poder, a Igreja. Os padres italianos contribuíram com as igrejas seculares ou nas ordens religiosas (a exemplo dos salesianos) e tiveram expressão em Salvador.

No campo das artes, os imigrantes italianos imprimiram suas contribuições na paisagem da cidade, principalmente a partir de 1912, quando o governador J.J. Seabra trouxe de São Paulo arquitetos, escultores, pintores e decoradores especializados “com o fito de mudar, como pretenderam e em parte conseguiram, a grave e tranquila fisionomia plástica de Salvador” (AZEVEDO, 1989, p. 32). Entre os artistas, é possível destacar alguns nomes, como Chirico, Conti, Santoro, Rossi, Scorcelli. Outro campo de destaque foi o da música, uma vez que os italianos atuaram como pianistas ou professores de piano, cantores de ópera, entre outros ofícios musicais. O grupo chegou a publicar óperas italianas nos jornais que circulavam na cidade.

Ainda que conservando uma forte presença em algumas cidades baianas, como as já citadas Jequié e Jaguaquara, a colônia italiana em Salvador teve seu número reduzido após o episódio do bombardeamento de navios brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial, causando, por consequência, a revolta da população soteropolitana, que depredou estabelecimentos italianos e alemães na cidade. Tal evento fez com que muitos desses imigrantes se mudassem da cidade. Isso se somou aos movimentos de dispersão que já ocorriam nas décadas precedentes à de 1940.

Outro fator que contribuiu de forma geral para a redução de imigrantes no país e de italianos em Salvador foi o estabelecimento da Lei de Cotas de Imigração (BRASIL, 1934). Contudo, é possível comparar diferentes grupos e observar que, no caso daqueles que já possuíam uma maior quantidade de membros na cidade, após o estabelecimento das cotas os fluxos continuaram a ser expressivos, que é o caso dos galegos.

3.3 Imigração galega

Segundo Braga (1995), os três primeiros imigrantes galegos chegaram a Salvador no ano de 1883, todavia é possível contestar essa afirmação. Bacelar (1994) informa que, no consulado espanhol em Salvador, há registros de galegos estabelecidos na cidade desde 1861. Já Brandão (2005) esclarece que 1883 é o ano oficial para a chegada dos galegos. Nos primeiros anos, esse grupo se estabeleceu “quase que exclusivamente no então degradado Centro Histórico de Salvador ou no seu entorno imediato, abandonado pelas elites locais [...]” (BRANDÃO, 2005, p. 20). Após algum tempo, o grupo foi se dispersando pela cidade, não ficando concentrado em um único espaço, ao contrário de outros grupos.

Para Brandão (2005), isso foi reflexo da estratégia de sobrevivência, pois, se, inicialmente, a proximidade espacial entre os membros foi importante para que conseguissem se estabelecer na cidade, posteriormente se tornou um fator limitante no seu objetivo de inserção na sociedade soteropolitana. Era necessário reduzir as distâncias sociais e empáticas, por isso “Habitar o degradado Centro Histórico não era, portanto, algo que contribuísse com a integração do grupo” (BRANDÃO, 2005, p. 82).

Mantendo vínculo com sua aldeia de origem e considerando a emigração para Salvador como um passo temporário em suas vidas, já que pretendiam retornar à terra natal, os

galegos criaram laços entre Salvador e a Galícia, que se estenderam pelas gerações, de modo que, após a estabilização econômica e política da Espanha, iniciou-se uma migração de retorno. Esse vínculo, ao mesmo tempo que fundamentou o fluxo em questão, constituiu entraves na inserção dos galegos na sociedade soteropolitana

O perfil dos imigrantes galegos que chegaram a Salvador era bem definido, sendo, na maioria dos casos, jovens do sexo masculino e majoritariamente oriundos dos ayuntamientos de Ponte Caldelas, Fornelos de Montes, A Lama e Pazos de Borbén.

Esses imigrantes vinham sozinhos e retornavam para suas aldeias de origem para se casar. Em muitos casos, não traziam suas esposas para o Brasil, mantendo-as com a família na própria Galícia. “Muitas vezes, passavam anos indo à Galícia periodicamente, mas só depois de vários anos é que traziam a família” (BRAGA, 1995, p. 94-95). Esse é um dos elementos que explica o laço com a terra natal, assim como os investimentos que se dividiam entre Salvador e a Galícia.

Braga (1995) afirma que o galego em Salvador veio de forma isolada, entrando na cidade, muitas vezes, ilegalmente, fato que dificultava uma precisão correta da quantidade de imigrantes na cidade durante o século XX. Bacelar (1994) comenta que a hostilidade encontrada exigiu que a mão de obra nos estabelecimentos tivesse que ser dos próprios conterrâneos, trazidos da Espanha. O preconceito com o brasileiro – mais explicitamente com os negros – foi um fator que se somou a isso. Por fim, associar-se com os baianos dificultaria o enriquecimento.

Analisando os aspectos sociais familiares desses imigrantes, Braga (1995) identificou que eram famílias grandes, com cerca de oito a dez filhos, algo comum na realidade rural de onde vinham. No processo de inserção na vida urbana em Salvador e de progressão econômica e social dos galegos na sociedade soteropolitana, observa-se que há uma mudança na estrutura familiar deles, pois, em 1970, o quadro familiar dos galegos passou a se constituir de três a quatro pessoas.

Sobre o grau de instrução, havia um elevado percentual que só dispunha do nível elementar, tendo muitos deles conseguido a formação do ensino médio em Salvador. A autora lembra que a idade com que a maioria saía da Galícia não permitia um grau de formação superior ao mencionado. No entanto, a ascensão social dos galegos é observável em seus descendentes. Os dados levantados por Braga (1995) apontam que, no momento de sua pesquisa, todos os filhos desses imigrantes possuíam ensino superior – em 1995, o acesso ao nível superior no Brasil era mais restrito do que nos tempos atuais.

3.3.1 A dinâmica comercial e social dos galegos em Salvador

No início do século XX, os galegos já haviam dominado o setor alimentício varejista em Salvador, contudo tiveram que lidar com hostilidades que surgiram a partir da crise de abastecimento pela qual ela passou. Bacelar (1994) explica que a cidade tinha como um dos seus problemas crônicos o abastecimento de alimentos, o que a tornou dependente das importações para suprir isso.

Essa escassez de produtos básicos gerou um dos grandes desafios da sociedade naquele período, o da alimentação. Isso desencadeou uma forte tensão social culminante com protestos. Os galegos, componentes das camadas sociais populares, dominavam as

atividades comerciais em armazéns⁹ e padarias; assim, foram utilizados como alvos pela burguesia soteropolitana, que buscava desviar a atenção do real problema nos altos preços dos produtos.

Enquanto a população se revoltava com os retalhistas (em sua maioria galega), a alta burguesia permanecia tranquila e, assim, soube usar habilmente o principal veículo de informação da época – os jornais – para acusar os galegos de enriquecimento à custa da exploração do povo da cidade.

Relatando os protestos realizados pela população, com destaque para um episódio em 1919, conhecido como “fecha-fecha do pão”, no qual diversos estabelecimentos de galegos foram fechados, Bacelar (1994) explica que a estratégia dos atacadistas baianos foi profícua. Para ele, o fato de os galegos terem substituído os antigos comerciantes portugueses foi uma grande vantagem para a burguesia soteropolitana, pois permitiu: “ter alguém na ‘linha de frente’ da ‘populaça’, da ‘massa ignara’ contida, mas potencialmente irada”. Além disso, com essas ações, foi possível “fechar um dos canais valorizados – o emprego no comércio – e proporcionadores de ascensão para os grupos negros e pobres da cidade” (BACELAR, 1994, p. 71).

Bacelar (1994) cita os jornais *A Tarde* e *O Imparcial* como aqueles que atacavam constantemente os estabelecimentos galegos, e essa prática se intensificou durante a Segunda Guerra Mundial. Portanto, apesar de as hostilidades serem voltadas para os italianos, alemães e japoneses, elas não excluíram os espanhóis.

Neste contexto, os galegos viram a necessidade de se organizar socialmente. Buscando se firmar na sociedade soteropolitana, 124 sócios fundaram a Real Sociedade Espanhola de Beneficência em 1º de janeiro de 1885 no Campo dos Mártires (atual Campo da Pólvora), situado no entorno do centro original da cidade. Já em 1897, a sua sede institucional foi transferida para o sul da cidade, na Barra, revelando tanto a sua ascensão econômica quanto o empenho por se estabelecer socialmente.

A mesma situação ocorreu com o Cassino Espanhol, fundado no ano de 1910 no Largo da Piedade e transferido, em 1948, para o Corredor da Vitória com o nome de Centro Espanhol, passando depois para a Avenida Oceânica, na Barra. Esse trajeto aponta o deslocamento do centro de convivência dos galegos para o sul da cidade e, como já comentado, a saída do entorno do centro, menos valorizado, para os espaços de expansão aos quais os mais abastados se dirigiam (Figura 3).

Assim, a imigração galega em Salvador somou-se ao processo de centralização entre os anos de 1880 e 1930, ao mesmo tempo que os membros dessa comunidade, uma vez estabelecidos na cidade, compunham o processo de dispersão para outras áreas da capital baiana.

Por causa do grande fluxo que se estabeleceu entre a Galícia e Salvador, apesar da dispersão para outras partes da cidade, a presença galega no EPS continuou a ser expressiva. Com a pesquisa de campo e informações retiradas dos livros que abordaram a imigração galega em Salvador, catalogou-se só no centro original de Salvador e seu entorno a existência de 125 estabelecimentos comerciais, cujos proprietários eram galegos –

⁹ Os estudos de Gandon (2010) apontaram o quadro dos grandes comerciantes varejistas na cidade e a composição das diretorias das associações comerciais. Chama a atenção que, apesar de a composição dispor de uma diversificação das nacionalidades (chegando a existir uma diretoria formada em sua maioria por estrangeiros), não identificamos a presença de galegos nessas diretorias, o que indica que, mesmo com uma ascensão horizontal nas primeiras décadas do século XX, esse grupo ainda compunha (pelo menos socialmente) as camadas populares da cidade.

Figura 3 – Especulação imobiliária em Salvador, com os vetores de dispersão da classe média e média alta.
 Fonte: elaborada pelo autor a partir de base cartográfica: SICAR RMS, Projeção geográfica SAD_1969, UTM, Zona 24S.

e essa lista não considerou as unidades residenciais. Vale ressaltar também que a principal fonte dessas informações (LEAL, 2002) tabulou os estabelecimentos referentes ao século XX.

A situação econômica e social galega parecia se estabilizar, com parte desses imigrantes ascendendo social e economicamente e com a sua predominância comercial em estabelecimentos como padarias, armazéns e pastelarias. Contudo, um grande concorrente trouxe forte crise para os galegos.

Em 1959, o comerciante sergipano Mamede Paes Mendonça inovou em Salvador ao trazer, de forma pioneira, o supermercado, inaugurado no bairro de Nazaré. Isso abalou diretamente o principal setor dominado pelos galegos: a venda de secos e molhados. Os supermercados tinham uma grande estrutura e condições de vender mais barato que as feiras e armazéns soteropolitanos, os quais foram afetados de imediato com a perda de clientes, o que foi se acentuando de forma progressiva, na medida em que o acesso ao supermercado crescia e chegava aos mais humildes, em razão de sua expansão espacial na cidade, com a abertura de novas unidades, e por causa do acesso ao crédito.

Somente a população de baixa renda continuava comprando nos armazéns, mas depois nem mesmo eles. Quando as padarias foram instaladas nos supermercados, a situação se tornou insustentável para os comerciantes galegos. Esse panorama os forçou a se reinventarem, caso não quisessem amargar a falência. Então, aqueles que tinham capital acumulado conseguiram mudar de empreendimento para fugir da crise.

A partir da década de 1960, dois fortes movimentos aconteceram no que concerne aos galegos. O primeiro era relacionado diretamente com a mudança na atuação empresarial. Muitos comerciantes, ao trocarem de ramo, enriqueceram, e alguns deles investiram em setores estratégicos da cidade, como o dos transportes e da construção. O segundo ponto ocorreu a partir de 1970 e, principalmente, na década de 1980, quando, em razão da crescente estabilização política e econômica na Espanha, iniciou-se um movimento de retorno da comunidade galega, havendo, assim, uma considerável redução de sua presença na cidade de Salvador. Tal movimento, percebido na cidade como um processo de dispersão, consistiu em uma migração de retorno, o que, no caso específico do EPS, gerou novas lacunas no centro, as quais possibilitaram a intensificação dos processos de sucessão/invasão, criando o quadro para o que posteriormente se configurou com a gentrificação em Salvador.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia Histórica das migrações italianas e galegas em Salvador traz em seu cerne o panorama das transformações pelas quais passava o mundo e se insere no contexto do processo da mundialização, o qual aponta um elemento básico dos fluxos migratórios: a existência de desigualdades territoriais em todo o planeta.

A comparação de estudos da geografia urbana e da geografia da população, tendo por alicerce a Geografia Histórica, permitiu a constatação de que os processos socioespaciais urbanos estudados na escala urbana podem ter, no que se refere à população, forte contribuição dos fluxos migratórios.

A comparação da imigração dos dois grupos permite constatações de similaridades e diferenças no seu desenvolvimento. Quanto às similaridades, que podem ser estendidas

aos outros dois grupos de maior relevância (portugueses e sírio-libaneses) para a área destacada na pesquisa, que é o EPS, uma delas é a da coincidência dos fluxos migratórios que ocorreram no final do século XIX e início do século XX com os processos de centralização e, posteriormente, de dispersão. Ainda nas relações desses processos socioespaciais urbanos, evidenciou-se que os próprios fluxos migratórios foram gerados por processos de escala mundial.

Com pouco mais de um século em que os fluxos de italianos e galegos para Salvador ocorreram, constatou-se que, encontrando espaço no comércio, muitos desses imigrantes conseguiram ascender socialmente na capital baiana. Tendo melhorado suas condições econômicas e sociais, muitos dos já enriquecidos mudaram de áreas menos valorizadas para outras onde a cidade moderna e rica crescia. Contudo, o processo socioespacial de dispersão não necessariamente se deu somente para outras partes da cidade, mas também para fora dela.

A principal diferença a se destacar é que, enquanto a presença galega se mesclou à de outros grupos populacionais no mosaico étnico-racial soteropolitano, a presença italiana na paisagem humana do EPS se fez imperceptível, ainda que possivelmente estivesse mesclada nos genes de alguns de seus habitantes. No entanto, os italianos se eternizaram na história e, principalmente, na paisagem urbana do EPS, em razão das contribuições dos artistas contratados para a modificação plástica das fachadas dos casarões da capital baiana e ao mesmo tempo com as estátuas e outras obras plásticas encravadas no coração da cidade. Já as estruturas construídas pelos galegos são mais do que formas, uma vez que, em muitos casos, ou preservaram as suas funções ou foram ressignificadas pelo próprio grupo.

Por fim, ressalta-se a importância de romper com os velhos paradigmas perpetuados pela historiografia tradicional e apontar novas perspectivas para as pesquisas sobre as migrações no Brasil, primeiramente reconsiderando os marcos temporais, a exemplo do que alguns autores ainda afirmam ser o início das correntes migratórias dos italianos para o país, e, em segundo lugar, evidenciando outros territórios como sendo polos receptores de imigrantes, inclusive no passado, como é o caso de Salvador, Bahia.

8. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. **A Itália no Nordeste, contribuição italiana ao Nordeste do Brasil**. Recife: Editora Massangana, 1992.
- AZEVEDO, T. **Italianos na Bahia e outros temas**. Salvador: EGBA, 1989.
- BACELAR, J. **Galegos no Paraíso Racial**. Salvador: UFBA, 1994.
- BAHIA. Decreto estadual nº 7.984 de 04 de setembro de 1987. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, 1987.
- BENEDINI, G. F. A emigração italiana para a Bahia. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 10, n. 2, p. 1-20, 2013.
- BIDOU-ZACHARIASEN, C. B.; NICOLAS, D. H.; d' ARC, H. R. (Ed.). **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2006.
- BRAGA, C. M. L. **Memórias de Imigrantes Galegos**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.
- BRANDÃO, P. R. B. **Geografias da presença galega na cidade da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2005.
- BRASIL. Lei nº 24.215, 9 de maio de 1934. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1934.
- BRITTO, L. R. R. **Os Primos: crônica de uma família libanesa na Bahia**. Salvador: Gráfica Santa Helena, 2004.
- CASTLES, S.; MILLER, J. **The age of migration**. 3rd ed. New York: Guilford Press, 2009.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática S.A., 2005.

- GANDON, T. R. A. **Portugueses na Bahia na segunda metade do séc. XIX, emigração e comércio**. Salvador: EDUNEB, 2010.
- HARVEY, D. **O Novo Imperialismo**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- HOBSBAWM, E. **The age of empire: 1870 -1914**. London: Vintage USA, 1987.
- LEAL, G. C. **Perfis urbanos da Bahia, os bondes, a demolição da Sé, o futebol e os galegos**. Salvador: Gráfica Santa Helena, 2002.
- MAEKAWA, L. **Os japoneses na Bahia**. Salvador: Dankat Gráfica, 2002.
- MASSEY, D. S. et al. Theories of international migration: a review and appraisal. **Population and Development Review**, New York, v. 19, n. 3, p. 431-466, 1993.
- NASCIMENTO, A. A. V. **Dez freguesias da cidade do Salvador**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1985.
- PALACIOS, M. G. L. S. **A Reforma do Pelourinho, o período pré-1992**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- RAVENSTEIN, E. G. The laws of migration. **Journal of the Royal Statistical Society**, London, v. 52, n. 2, p. 241-305, 1889.
- RAVENSTEIN, E. G. **The laws of migration**. London: Blackwell Publishing for the Royal Statistical Society, 1885.
- RIBEIRO, D. A. **Gentrification no Parque Histórico do Pelourinho, Salvador – Bahia**. Dissertação (Geografia)-UFBA, Salvador, 2011.
- RIBEIRO, D. A. **Migrações para o Eixo Pelourinho Santo Antônio**. Tese (Geografia)-UFBA, Salvador, 2018.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SANTOS, M. **O centro da cidade do Salvador**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 2008.
- SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SINGER, P. I. **Dinâmica populacional e desenvolvimento: o papel do crescimento populacional no desenvolvimento econômico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1976.
- SMITH, N. **The new urban frontiers: gentrification and the Revanchist City**. New York: Routledge, 1996.
- TEIXEIRA, C. As grandes doações do 1º governador. In: **A Grande Salvador**. Salvador: Cedurb, 1978.
- THOMAS, W. I.; ZNANIECKI, F. **The polish peasant in Europe and America: monograph of na immigrant group**. Ithaca: Cornell University Library, 1992.
- TRENTO, A. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1988.
- TREWARTHA, G. T. **Geografia da população, padrão mundial**. São Paulo: Atlas, 1976.
- VASCONCELOS, P. A. **Salvador: transformações e permanências (1549-1999)**. Ilhéus: Editus, 2002.
- VASCONCELOS, P. A. Contribuição para o debate sobre os processos e formas socioespaciais nas cidades. In: VASCONCELOS, P. A.; CORREA, R. L.; PINTAUDY, S. M. (Ed.). **A cidade contemporânea, segregação espacial**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

SOBRE O AUTOR

Daniel de Albuquerque Ribeiro (RIBEIRO, D. A.). Bolsista Programa Nacional de Pós-doutorado PNPd/CAPES no Programa de Pós Graduação em Geografia da UFF-Campos. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas de Geografia Histórica (Geohistórica).

Notas de fim

- ⁱ No livro *A Cidade Contemporânea Segregação Espacial* (VASCONCELOS, 2013), é possível encontrar diferentes abordagens sobre o tema a partir da visão de conceituados pesquisadores em distintas universidades brasileiras.
- ⁱⁱ Tendo Smith (1996) como principal referência para os estudos sobre o tema, a gentrificação vem sendo estudada por diversos autores. O livro *De Volta a Cidade* (BIDOU-ZACHARIASEN; NICOLAS; D' ARC, 2006) é um exemplo de coletânea contendo diferentes estudos de casos sobre *gentrificação* no mundo.